Quinta-Feira, 12 de Novembro de 2026

Em nome da pacificação?

A mulher de César sonhou. Viu sua estátua sangrando, viu presságios, ouviu os augúrios e pediu ao marido que ficasse em casa. Era um pedido de amor, mas também de medo.

Ao que César respondeu: — Os covardes morrem muitas vezes antes de suas mortes; os valentes só provam a morte uma vez.

Shakespeare não estava falando de longevidade na sua famosa peça teatral *Júlio César*. Estava falando de como se vive.

O covarde antecipa a morte em cada pesadelo, em cada boato, em cada sombra. Ele experimenta a queda tantas vezes que, quando ela chega, já não há mais nada inteiro para cair. O corajoso não nega a morte. Ele apenas se recusa a morrer antes da hora, vivendo por inteiro até o momento em que ela, de fato, o chama.

É essa a diferença. Um morre em parcelas. O outro morre uma só vez, porque viveu uma só vida, sem reparti-la entre medos, conveniências e conivências.

E como tem covarde nesse mundo, sobretudo entre aqueles que são eleitos.

O representante foi eleito para se posicionar. Foi chamado para dizer sim ou não, para votar, para sustentar publicamente aquilo que prometeu em campanha. Quando chega a hora, ele recua. Calcula o custo. Mede o risco de desagradar quem manda, de perder espaço, de perder emenda, de perder a boquinha.

Cada recuo é uma pequena morte. Ele não morre fisicamente, sobrevive a um custo que pensa suportar. Mas morre na palavra que não disse, no voto que trocou, no silêncio que escolheu. Sobrevive no esgoto da negociação, e a cada sobrevivência fica menos digno do voto que recebeu.

O covarde político e quem o elege não têm medo da morte. Têm medo de perder o cargo e o poder. Por isso morrem muitas vezes: morrem quando se calam diante do corrupto, morrem quando aplaudem o que condenavam e quando o representante eleito assina o acordo que jurou combater. No fim, sobra o mandato, mas nada resta do político e de quem, ciente de sua índole, nele votou.

O corajoso, ao contrário, só morre uma vez. Pode perder a eleição, pode perder o cargo, pode ser atacado, isolado, ridicularizado. Mas não precisa se matar todos os dias para continuar existindo. Ele se posiciona e arca. É uma só morte, se houver, e uma só vida, enquanto houver.

Agora inventaram uma palavra bonita para esse suicídio parcelado: pacificação.

Em nome da pacificação, eles apresentam sugestões que são, na verdade, rendições. Suspender o impeachment de quem se instalou na mais alta corte e age fora dela. Engavetar processos, trocar pressão por favores, transformar um instrumento constitucional em moeda de troca. Isso não é prudência, é medo de retaliação. Não é equilíbrio, é cálculo de sobrevivência. É covardia!

Em nome da mesma pacificação, apoiam medidas eleitoreiras de quem mentiu em campanha. Aquilo que ontem era denunciado como demagogia, hoje é celebrado como governabilidade, desde que venha com algum benefício, algum cargo, alguma liberação. A mentira não mudou. Mudou sim o interesse de quem a denunciava.

Partidos já fazem isso descaradamente. Não escondem mais. Chamam de articulação o que é submissão, chamam de maturidade o que é subserviência, chamam de pacificação o que é conivência. Aprenderam que o eleitor esquece, que a imprensa normaliza, que a covardia, quando repetida, vira rotina.

Só que Shakespeare também avisou. Quem vive morrendo de medo não escapa da morte. Apenas a multiplica. Quem negocia a própria consciência para sobreviver mais um dia, mais uma votação, mais um mandato, não está vivo. Está apenas adiando o enterro, e em prestações.

A história não guarda bem o nome dos que assim buscam sobreviver muitas vezes. Os covardes. Guarda bem o nome dos que, como César, sabem que só se morre uma vez. è quando se tem a coragem de viver uma só vez. Estes são os valentes.

Marcelo Portocarrero é engenheiro civil